

**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE ETENE

INFORME RURAL ETENE

PRODUÇÃO E VENDA DE PÓ E DE CERA DE CARNAÚBA NO NORDESTE

Ano 4 – 2010 – Nº 14

**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE – ETENE

Superintendente

José Narciso Sobrinho

Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação – AEPA

Gerente: Jânia Maria Pinho Souza

Célula de Estudos Rurais e Agroindustriais – COERG

Gerente: Wendell Márcio Araújo Carneiro

Informe Rural ETENE

Coordenador: Wendell Márcio Araújo Carneiro

Informe Rural: Produção e Venda de Pó e de Cera de
Carnaúba no Nordeste

Autor: Jackson Dantas Coêlho

Revisão Vernacular: Hermano José Pinho

INTRODUÇÃO

Este informe continua o trabalho comparativo¹ entre os Censos Agropecuários de (1995-1996) e o de 2006 que o ETENE desenvolveu para identificar as alterações que ocorreram no meio rural nordestino nesse período. Neste trabalho destacar-se-á a evolução da produção e área colhida de carnaúba no Brasil e no Nordeste entre os Censos.

O extrativismo da carnaúba (*Copernicia prunifera*) é uma importante atividade geradora de ocupação e renda no semiárido nordestino, dado que é praticada no período seco (agosto a dezembro), em que não há possibilidade de se plantar culturas de subsistência. O pó é produto de um mecanismo de defesa natural da palmeira contra a adversidade do clima, a fim de reduzir a perda de água pelas folhas ou palhas. A palha é derrubada e separada em dois tipos básicos: a de olho, que é a folha mais nova da parte superior da copa, semiaberta, que contém o pó de cor mais alva e gera cera de melhor qualidade em virtude do melhor rendimento, utilizada em finalidades mais nobres, sendo também mais cara; e a palha já aberta, que gera pó verde escuro, mais barato e de menor rendimento em cera, utilizado em finalidades mais básicas.

As palhas são postas para secar, batidas depois manualmente ou a máquina (gerando bagaço aproveitado como adubo), quando se retira o pó, que é utilizado para a fabricação da cera artesanal ou industrial, largamente utilizada na indústria de produtos de limpeza, cosméticos, informática, alimentícia e farmacêutica. Um fato interessante a destacar é que esta produção é exclusiva do nordeste brasileiro (principalmente Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte), não ocorrendo em nenhum outro ponto do planeta. Ainda assim, o mercado externo, principal destino da cera produzida, é quem dita os preços, controlado principalmente por Estados Unidos, Alemanha, Japão e China. Neste informe se faz uma análise da evolução da produção do setor entre 1996 e 2006.

PRODUÇÃO E VALOR DE PÓ E DE CERA DE CARNAÚBA

Analisando o censo de 95/96 em relação ao de 2006, percebeu-se que a participação percentual de quantidades colhidas e vendidas de cera de carnaúba no Nordeste não apresentou mudanças significativas do primeiro censo para o segundo em razão de serem produtos de uma atividade tipicamente nordestina. Com relação à carnaúba em cera, percebeu-se que tanto a sua colheita como a sua venda cresceram 0,6%, ainda que, em termos absolutos, tenha havido queda nos números, em razão das indústrias, nos últimos anos, terem preferido a compra de pó ao invés da cera bruta, em razão das impurezas às vezes contidas nestas. Em relação à participação dos estados na região Nordeste, percebeu-se que Ceará e Rio Grande do Norte concentram 86,1% da colheita e 88,5% da venda de carnaúba em cera, e 60,3% da colheita e 60,4% da venda de

¹ A primeira versão deste trabalho foi contratada junto à Associação Científica de Estudos Agrários (ACEG) e elaborada pelo professor Raimundo Eduardo Silveira Fontenele, com a colaboração de Beatriz Nascimento Ko Fontenele. O presente Informe está baseado em seção 3.22 – *Produção e Venda de Carnaúba*, constante do estudo da ACEG.

carnaúba em pó, após reduzirem a soma de suas contribuições em relação ao censo de 1996. Piauí apresentou pequena variação em sua participação na colheita e venda de carnaúba em pó. A participação desse estado na colheita de cera passou de 6,01% em 1996 para 10,8% em 2006 (Gráfico 1), e em termos de venda, passou de 9,0% em 1996 para 8,3% em 2006. Deve-se frisar que parte do pó de carnaúba piauiense é processada por indústrias cearenses com filiais no Piauí, o que faz a cera resultante ser contabilizada como sendo do Ceará.

TABELA 1 – Produção e Valor da Produção de Carnaúba (Pó de Palha e Cera) – 2006

Brasil, Nordeste e Estados	Produção e valor da produção									
	Carnaúba (pó de palha)					Carnaúba (cera)				
	Estabelecimentos	Quantidade		Valor da produção (1000 R\$)	Valor da venda (1000 R\$)	Estabelecimentos	Quantidade		Valor da produção (1000 R\$)	Valor da venda (1000 R\$)
		Colhida (t)	Vendida (t)				Colhida (t)	Vendida (t)		
Brasil	3 998	13 845	13 602	27 015	26 548	369	1 168	1 122	3 805	3 699
Nordeste	3 998	13 845	13 602	27 015	26 548	364	1 168	1 122	3 804	3 698
Maranhão	138	1 193	1 188	2 052	2 046	7	36	36	117	117
Piauí	2 764	4 292	4 200	9 047	8 897	93	126	93	284	218
Ceará	995	7 937	7 791	15 233	14 924	251	483	470	1 580	1 540
Rio Grande do Norte	88	418	418	676	674	13	522	522	1 823	1 823
Paraíba	9	6	5	6	6	-	-	-	-	-
Pernambuco	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alagoas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Sergipe	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Bahia	4	0	-	0	-	-	-	-	-	-

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2006.

TABELA 2 – Produção de Carnaúba (Cera e Olho de Palha) – 1996

Brasil, Nordeste e Estados	Carnaúba (cera)		Carnaúba (olho de palha)	
	Quantidade		Quantidade	
	Obtida (t)	Vendida (t)	Obtida (t)	Vendida (t)
Brasil	5 856	3 812	2 772	2 464
Nordeste	5 819	3 787	2 767	2 463
Maranhão	138	124	43	23
Piauí	350	342	385	363
Ceará	5 019	3 011	2 315	2 054
Rio Grande do Norte	304	303	24	24
Paraíba	7	7	0	-
Pernambuco	0	-	-	-
Alagoas	-	-	-	-
Sergipe	-	-	-	-
Bahia	1	0	0	-

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 1995-1996.

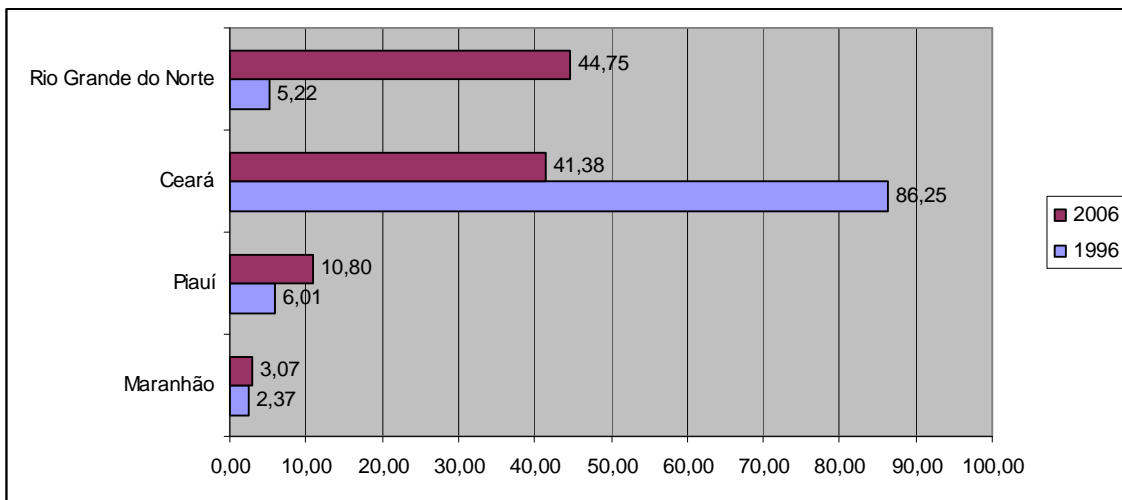


Gráfico 1 – Evolução da Participação dos Estados Nordestinos na Cera de Carnaúba Colhida da Região entre os Censos de 1995-96 e 2006.

Fonte: Elaboração própria, com base em IBGE (1995-96 e 2006).

CONCLUSÕES

Comparando os dois censos, o extrativismo da carnaúba no Brasil (melhor dito, no Nordeste) não teve grandes mudanças, apesar das alterações nas participações percentuais registradas nos dois produtos (pó e cera). O processo extrativo ainda é o mesmo de um século atrás e ainda há pouca organização no elo de produção da cadeia, o que permitiu que, a partir da II Guerra Mundial, os importadores se organizassem e ditassem os preços.

O elo da indústria tentou se articular, nos últimos quatro anos, com a formação de uma Câmara Setorial no estado do Ceará, mas a iniciativa perde continuidade a cada troca de comando no governo estadual, necessitando de algum tempo para se reorganizar. No entanto, ocorreram conquistas pontuais, como a volta da pesquisa para o setor, colocando em prática algumas soluções tecnológicas para melhoria de desempenho do processo extrativo (ainda que sofram resistência na execução por parte dos trabalhadores, a exemplo do secador solar móvel, que substitui a secagem da palha no chão), aumento nos volumes financiados pelos bancos oficiais e o retorno da cera à política de preços mínimos do governo federal, após sua saída em meados da década de 1980, depois de vários problemas envolvendo fraudes no material entregue e favorecimento a pessoas que não deveriam ser beneficiárias da política.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Agropecuário 1995-1996. Rio de Janeiro, 1998.

_____. Censo Agropecuário 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 abr. 2010.

Outros números do Informe Rural ETENE:

ANO 4 – 2010

Nº 1, Jan 2010 – Exportações do Agronegócio do Nordeste

Nº 2, Abr 2010 – Situação do Setor Produtivo da Lagosta no Nordeste

Nº 3, Mai 2010 – Ervas Aromáticas

Nº 4, Jun 2010 - Identificação de Áreas Vocacionadas para Recria/Engorda de Bovinos no Nordeste

Nº 5, Jun 2010 – Agricultura Familiar no Nordeste

Nº 6, Jul 2010 – Cenário Agropecuário 2010

Nº 7, Ago 2010 – Despesas Realizadas nos Estabelecimentos Agropecuários do Nordeste

Nº 8, Set 2010 – Receitas Obtidas pelos Estabelecimentos Rurais do Nordeste

Nº 9, Set 2010 – Utilização de Máquinas e Implementos Agrícolas nos Estabelecimentos Rurais do Nordeste

Nº 10, Set 2010 – Produção e Venda dos Produtos da Apicultura no Nordeste

Nº 11, Set 2010 – Produção e Venda de Produtos da Aquicultura no Nordeste

Nº 12, Set 2010 – Uso de Irrigação nos Estabelecimentos Rurais do Nordeste

Nº 13, Set 2010 – Produção e Venda de Leite e Ovos na Região Nordeste